

Poemas de abril e de Timor

574. soletras autonomia (lomba da maia, abr 2013)

ilhas de névoas e gaze
de novelões e conteiras
do verde e do azul
ó gente de negro basalto
quem canta a tua gesta?
terra de maroiços
cais de rola-pipas
mar imenso abraseado
lacerado por vulcões
ilhas de bardos e músicos
 republicanos presidentes
poetas, pintores e artistas
 antero, nemésio e natália
quem te liberta das grilhetas
 do passado feudal
 da escravatura da fé
 do atavismo ancestral?
soletras autonomia
gaguejas liberdade
titubeias emancipação
com laivos de insubmissão
como a irmã galiza
cicias um 25 de abril
que tarda em chegar

660. demo-cracia, ago 2014

tanto mar, tanto sal
tanta dor em portugal

primeiro foi-se o império
depois finou-se a ditadura
hoje agoniza a democracia
sujeita à banca e à usura

e neste recanto da ilha do arcanjo
sonha-se poesia e utopia
como se ainda houvesse esperança
ou o político se vestisse de anjo
por entre crimes e desgovernação

tanto mar, tanto sal
tanta dor em Portugal

nesse dia acordou irritado
logo por azar estremunhado
notaria a seu lado
a mulher
morta há dez anos
os ossos espalhados pela cama
pressupunham aqui e além um certo descuido
mas que diabo!
voltou-se para a janela
tentando adormecer uma vez mais
invariavelmente o fazia em dias como aquele
foi então
atiraram a bola à vidraça
o quarto ficou estrelado
mil sóis recortavam-se no ladrilhado
esforçou-se por manter a calma
ocultou a face no travesseiro
agarrou a almofada
freneticamente
num esgar sensual
ao longe tinham campainhas
não havia dúvidas
iria ser um dia mau
decidiu-se a folhear o matutino
recusou-se a acreditar
limpou os óculos
estava lá
sem engano possível
em título de caixa alta
em editoriais se consagrava
o sonho supremo da humanidade
por decreto presidencial
dum senhor que ninguém elegera
ia ser promulgada e publicada
no diário da governação
com força institucional

A DEMOCRACIA

em termos mui solenes
o governo advertia
dentro de 24 horas
em cerimónia apropriada
nascia a democracia
e zás! nem quis ligar a televisão
quieto e calado tresleu
era demais!

violento choque!

democraticamente

sem se dar conta

caiu para o lado com um baque surdo

morreu na cama

e em jejum

democrata de nascença.

577. aviso à navegação, 25 abril 2013

aos saudosistas, salazarentos

e outros democratas

de geração instantânea

25 de abril é uma data que respeito,
devolveu-me a liberdade de expressão
que não tinha ao nascer
e só porque gente houve
a trair e abusar desse ideal
não vou deixar de acreditar nele...

continuo sonhador, poeta e utópico...
na minha mente e nos meus atos
será abril sempre

646. Enquanto dormias a nova escravatura chegou, nov 2013

nenhum de nós é livre

enquanto ao teu lado

houver fome

miséria

desemprego

hoje são os outros

amanhã serás tu

passaram 40 anos

nenhum de nós é livre

enquanto abril não se cumprir

438.3 habito uma ilha, Díli, abr. 4, 1974

oito séculos

história ao desbarato

missionante império

memórias de povo

sem novas gestas

colonizante cansaço

precoce esquecimento
(multi)raciais sociedades
para colorir
(pluri)continentais
para exportar
e um discurso mais
prisões
medos
silêncios

quarenta-e-oito-invernos
e os infernos?

- HABITO UMA ILHA –

452. memórias. (déli, abril 1975)

ave louca
sinusoide voo
rias-te
nem sabias de quê
era já o fumo
olhos e mãos, baça voz
gestos nunca antes inventados
sabíamos do tempo
a imponderabilidade
a curva obscena dos corpos
na posse do mundo
estávamos e éramos
coloridos e diáfanos
queimávamos identidades
alguém cantarolava
palavras
desconexas
inúteis
carícias
premeditadamente esquecidas
ela se levantou
e a víamos como se não fosse
isto é
criada no instante mesmo
hesitante
avançando pela janela
ninguém a abria
seria talvez noite
transcendental o país
bebedeiras de amor
roteiros estelares
no suor do regresso
como se nunca partiras

no sorriso distante, nos teus lábios
cresceram da criança os olhos
encheu-se a sala
frágeis gestos
alguém ousara!
na rua um escape
no silêncio do grito
a regra é saber que horas são
ou o medo
a vertigem
a regra do pavor
o voo de ficar
céleres que nem imagens
falam de nós
no teto branco nu
ou somos
desirmanados
no frémito que nos invade
a resposta recusada
texto ou resumo
a vida violada.

547. eleições sem lições em timor, 2012

díli 23 setembro 1973
cheguei hoje a timor português
a vinda marcará a minha vida para sempre
sem o saber nunca mais nada será igual

o futuro começa hoje e aqui
entrei no tempo da ditadura
sairei na democracia adiada

na bagagem guardo sabores,
imagens e odores
sonhos de pátria e amores
divórcios e outras dores

cheguei sem bandeiras nem causas
parti rebelde revolucionário
tinha uma voz e usei-a
tinha pena e escrevi sem parar
pari mais livros que filhos
para bi-beres e mauberes

48 anos de longo inverno da ditadura
24 de luta independentista
agora que a lois vai cheia
e não se passa na seissal
já maromác se apaziguou

crecem os lafaek no areal
perdida a riqueza do ai-tassi
gorada a saga do café
resta o ouro negro
para encher bolsos corruptos
sem matar a fome ao timor

perdido nas montanhas
sem luz, água ou telefone
repetindo gestos seculares
mascando sempre mascando
o placebo de cal e harecan
mas com direito a voto
para escolher quem o vai explorar
sob a capa diáfana da lei e ordem
do cristianismo animista

oprimido sim mas enfim livre.

704. 25 abril sempre, até quando, lomba da maia, 25.4.18

a mulher doente
hoje não cumprirei a tradição
nos moinhos de porto formoso
não erguerei o meu cravo vermelho
pelo abril que imaginei

a saúde de ambos necessita terapia
não há medicina para estas maleitas

há 44 anos que acredito
sem arrependimentos
hoje incréu interrogo
quem matou os sonhos antigos

para mim será abril sempre
na mente e nos desejos
da liberdade, igualdade, fraternidade

falta nascer o homem novo
a sociedade nova
o mundo remoçado
que dê vida a este desiderato

espero o renascer das utopias
neste outono de vida

um 25 de abril sempre
mas com poesia

550. timor nas alturas /2012

queria subir ao tatamailau
pairar sobre as nuvens
das guerras, do ódio, das tribos
falar a língua franca
para todos os timores

queria subir ao matebian
ouvir o choro dos mortos
carpir os heróis esquecidos

queria subir ao cailaco e ao railaco
consolar as vítimas de liquiçá
beber o café de ermera
reconstruir o picadeiro em bobonaro
tomar banho no marobo
ir à missa no suai
buscar as joias da rainha de covalima
passar a fronteira e voltar
chorar todos os conhecidos e os outros
e quando as lágrimas secassem
regressaria à minha palapa imaginária
à mulher mais que inventada
oferecer-lhe um pente de moedas de prata
percorrer as suas ribeiras e vales
sussurrar por entre as folhas do arvoredos
navegar nos seus beiros
rumar ao ataúro e ao jaco
desfrutar a paz e as belezas ancestrais
ouvir os tokés enquanto as baratas aladas voam
os insetos projetados contra as janelas
atraídos pela luz do petromax

a infância e a juventude são como uma bebedeira
todos se lembram menos tu

445. para que não digam, 25 set^o 1974

*ao dr buceta martins, fascista dos antigos
na direita o fúscio, na esquerda o chicote
o sorriso no gatilho, mártir da democracia)*

para que não digam
a mordança acabou
a voz é livre
o futuro é novo

obscura idade do gesto	habitante incómodo
ódios ignotos	do ócio
ilhas à deriva	plasmando a cidade
cerca da fome	a fadiga desnuda
dos olhos	a sombra
- este o uterino vértice -	ex/ato
heréticas noites de silêncio	ex/voto
ignaras letras excitadas	o infólio
tamanho normal de povo	no estertor
- É URGENTE REINVENTAR A CURVATURA OBSCENA DA GRAVIDEZ PREENCHER DE FORMAS O VAZIO CORPO (DES)ESPERADO -	
a mulher	vulgar objeto
a televisiva fonia	de anestésiar
amorfa consciência	o pesadelo
cercearam	irreduzível ascensão
o plano antigo inclinado	em queda abrupta
$h^2 = a^2 + b^2$	a razão inversa
do quadrado da hipotenusa	a concêntrica marcha
relógio imperfeito	da geração perdida
ao limiar do ser	o haver
cerco do universal enfado	indizíveis cansaços
- tranqüidolente marasmo	mais um dia
na nudez proverbial	deste povo
construtor	ingénuo
de prazeres sem orgasmo	ou de orgasmo sem prazer?

515. a nau sem escorbuto / 2011

arribou nesta praia deserta
a nau sem escorbuto
sem mastro nem pendão
sem carga nem marinagem
sem especiarias do oriente
nem arroz do sião ou malaca
sem pérolas de ormuz
nem diamantes da Índia
sem cavalos das arábias
nem marfim das áfrias
fôra de cochim a meca
de ternate a timor
sem compradores
nem lusitanos feitores

nesta açoriana praia deserta
longe do mar eritreu
há mouros e judeus conversos
cristãos por batizar

os senhores dos açores
ocupam lugares de proa
a barlavento das gentes

não vieram de calecute
nem estiveram em cipango
não cuidam da pimenta do reino
da noz-moscada, do cravo-da-índia
do açafraão, anis, gengibre e canela
não foram a banda, ceilão ou malucas

os senhores dos açores,
que não é terra de gentios
chamam-lhe sua e de mais ninguém
como samorim a regem
feitos marajás em palácios
ofertam bugigangas aos nativos
promessas vãs e eleitorais

sentado na ameia
frente à seteira
em castelo sem pendão
envio migas de letras
a todos sem literário pão
crónicas avulsas de vidas vividas
pecados sem perdão

e o povo sem saber da fome
do frio que aí vem
das vacas que se foram
do leite que não mungiram
dos campos que não araram
das colheitas que não comeram
feliz vota nos que prometem
sempre a mesma solução

lá fora há guerras sem pátrias
mutilados e estropiados
cá já temos sem-abrigo
drogaditos e malfeitores
assaltantes, meliantes
económicos dissabores
da troica que tudo leva
e cobra dívidas que herdamos
de tantos ditos senhores

não há santos que nos valham
nem procissões e andores
preces e velas acesas
romeiros de todas as dores
somos um povo infeliz e abúlico
sem sonhos nem destemores
vergados ao duro peso
de vis especuladores

da história magnânima nem sombras restam
nem bardos nem cantores
nem escribas dedicados

o povo sofrendo medos
erros grosseiros
enganos ledos
sem naus nem caravelas
sem espadas nem aduelas
sem especiarias nem língua franca
cantando fados a tétis com paixão
com futebol e telenovelas
e fé sem outra afeição

o povo escravo de novo
sofre consternado
às dívidas acorrentado
à mingua de dízimos e outros enfados
sem contar os créditos mal parados
come demagogia e paga iliteracia
santa liberdade e democracia
chora lágrimas de crocodilo
lendo jornais desportivos
com as letras aprendidas
nas novas oportunidades

o povo sofrendo fomes e enfermidades
vendia os anéis e comia os dedos
emigrava quando podia
queixava-se da sorte caipora
temia do governo as novidades

a geração rasca a parva passara
timidamente na crise despontara
bancos enriqueciam na austeridade
à custa da plebe e do suor já suado
de brandos costumes acostumado
não descera às ruas este povo
faltava-lhe força e inteligência
nem era gleba de novo
antes novos ricos da indigência

ancorada a nau fmi de novos reis
em terra de pagãos e infieis
não daria berloques aos nativos
apenas a chibata e o chicote
as grilhetas de trabalhos cativos
sem abrigo nem culote

e um poeta solitário
no alto do seu castelo

gritava a bom gritar
mas não o ouviam as massas
sem perder tempo para se educar
e acreditavam nos seus donos
compradores de votos
com promessas a acenar

o jardim à beira-mar plantado
há muito inculto e estiolado
ia fenecendo devagar
sem gente para o cuidar

e dos vindouros muitos virão
dizer que o poeta pressagiava
o fim desta bela nação.

573. *fados e sambas* (lomba da maia, abr 2013)

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
cantigas ao desafio
cantorias desgarradas

os corpos e as palavras
pintam realidades inesperadas
todos ficam todos partem
em dia de são vapor
tão longe sempre perto
em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
manta remendada de nove cores
tapete voador da saudade
sementes da memória
nas paredes do tempo
rasgando o silêncio
mundos mágicos sem chave

e eu ilhéu de abril
filho de muitas ilhas
choro este fado

594. autonomias nominais junho 2013

*“para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar”
voltaire*

hoje acordei sem voz

sem mãos,
sem pés
sem coração.

habito nove ilhas de mil cores
arquipélago de mil autores
num fiasco de autonomia
pobreza sem alegria

na independência poucos confiam
em busca de subvenções porfiam
melhor é ficar mudo e quedo
viver dos subsídios esmoleres
submissos e acomodados
pobres despreocupados
servos enfeudados
ingénuos explorados
na eterna espera de godot
de um mandela que não nasceu

assim se explicam os açores
ilhas de mil e uma dores

627.1. à Galiza (moinhos, agosto 2013)

imagino a galiza
de cravo e bandeira na mão
gritando a plenos pulmões
que a liberdade é merecida
que a rua é dos poetas
que o 25 de abril não é de todos
mas será sempre para todos
mesmo para aqueles que o negam
imagino a galiza
de manifesto e megafone na mão
declamando a poesia da alforria
das conquistas irreversíveis
quando os esbirros vierem
feitos controladores do pensar
sei que ela estará lá
e abrirá o peito às balas
e o sangue que jorrar
será poema e arma
e o corpo desvanecido
será escudo e estandarte
para que a liberdade não morra
nem haja estertor do povo
com ela será 25 de abril sempre
que ninguém nos cala
e a voz dos poetas

em timor dissipei-me na areia branca
em bali fui hippie em kuta beach
em macau fiz tai chi no lou lim iok
na austrália nadei em rotnest island
em bragança renasci transmoutano
e no basalto açoriano gravei
imperecíveis poemas
este o improvável epitáfio

739. outro epitáfio 25.6.2022

ser velho é isto
olhar para a parede que já foi branca
contar os traços quase a atingir 26645
já pouco espaço resta para mais traços
cada um deles um dia
uma alegria mil tristezas
sonhos que se esfumaram
sonhos nunca sonhados
que se concretizaram
sonhos recorrentes
nunca atingidos
subidas aos sete céus
descidas a mil infernos
a certeza inabalável
de ter feito a diferença
no carneirismo cinzento
a ovelha negra
no meio do rebanho
sem medo
dos cães pastores
de seus dentes ameaçadores
sem temor da chibata do pastor
e para epitáfio
um “smile” gigantesco
de desdém, de zombaria
